

Avaliações minimamente objetivas de traduções poéticas

Doutoranda Juliana Cunha Menezes¹ (PUC-RJ)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo discutir a possibilidade de avaliações minimamente objetivas de traduções poéticas. Para atingir tal meta, avalio a tradução pessoana da primeira estrofe de “To a skylark” de Shelley. Para essa avaliação, utilizo a metodologia de Britto (2002, 2004, 2006a, 2006b, 2006c, 2008a, 2008b) e as terminologias de versificação de Abrams et al. (1974), Fraser (1977), Hollander (1989) e Fussell (1979) para tecer comentários acerca da estrofe do original; e de Chociay (1974), Mattoso (2010) e Proença (1955) para tecer comentários acerca da tradução.

Palavras-chave: tradução de poesia, fidelidade, prosódia poética comparada.

1 Introdução

Segundo Britto (2006b, 2012), é possível avaliarmos traduções poéticas com mínima objetividade, o que nos permitiria fugir de argumentos que apresentam impressões extremamente subjetivas e conceitos vagos, tais como “a tradução não captou o espírito do original” ou então “a tradução fluiu bem”. A partir dessa visão, Britto desenvolve uma metodologia para avaliações minimamente objetivas de traduções poéticas. Tal metodologia encontra-se em Britto (2002, 2004, 2006a, 2006b, 2006c, 2008a, 2008b), e ela visa identificar as características poeticamente significativas do poema original; atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e verificar, nas traduções, se foram recriadas as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas — ou seja, verificar se foram encontradas correspondências para elas. Essa metodologia é permeada pela questão da fidelidade, que está diretamente ligada à correspondência e à perda: “quanto maior a correspondência entre um elemento do original e sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda” (Britto, 2002, p. 65) e, assim, mais fiel e melhor será a tradução. A fim de demonstrar esse tipo de avaliação, por meio da metodologia de Britto, analiso a primeira estrofe do poema “To a skylark”, de Percy Bysshe Shelley, e sua tradução feita por Fernando Pessoa. Ambas as estrofes foram retiradas de poemas contidos na obra *Fernando Pessoa: poeta-tradutor de poetas* (1999), de Arnaldo Saraiva. Para avaliar essa tradução pessoana, verifico se os aspectos mais

1

relevantes presentes nos níveis métrico, rítmico, rimático e semântico da estrofe do original foram recriados na tradução. Para essa avaliação, utilizo também a terminologia de Abrams *et al.* (1974), Fraser (1977), Hollander (1989) e Fussell (1979) para tecer comentários acerca da estrofe do original; e de Chociay (1974), Mattoso (2010) e Proença (1955) para tecer comentários acerca da tradução.

2 Símbolos usados nas escansões

/ = sílaba com acento primário

\ = sílaba com acento secundário

- = sílaba átona

| = separador de pés

3 Original

3.1 Escansão

I

/ - / / | / - |

Hail to thee, blithe Spirit!

a

T-E-T

/ - | / - | / |

Bird thou never wert,

b

T-T-T

- - | / - | / - |

That from Heaven, or near it,

a

P-T-T

/ - - / | / |

Pourest thy full heart

b

T-J-T

- - | / / | - \ | - / | - \ | - / |

In profuse strains of unpremeditated art.

b

P-E-J-J-J-J

3.2 Níveis métrico, rítmico e rimático

Os quatro primeiros versos têm três pés cada, e o quinto verso tem seis. O contrato métrico é trocaico nos quatro primeiros versos, e jâmbico no quinto. Os trímetros trocaicos estão em vermelho, e o alexandrino, em rosa. Esse código de cores encontra-se na coluna da direita. Os pés não trocaicos estão em verde. Quase todos os trímetros trocaicos apresentam variações: o primeiro tem um espondeu; o terceiro, um pirríquio; e o quarto, um jambo. O segundo trímetro trocaico é o único sem variações. O alexandrino também apresenta variações: um pirríquio e um espondeu. O ritmo dos quatro primeiros versos é predominantemente trocaico, e o do quinto verso é predominantemente jâmbico. O esquema de rimas é *ababb*.

4 Tradução

4.1 Escansão

I

/ - / - / - Ave, 'sprito! – certo	<i>a</i>	1-3-5
- / - \ / - Tu nunca foste ave –	<i>b</i>	2-(4)-5
- - / - / - Que do céu, ou perto,	<i>a</i>	3-5
/ - - \ / - Teu coração suave	<i>b</i>	1-(4)-5
- / - - - / - / - - - / - Derramas sem pensar, em arte sem entrave.	<i>b</i>	2-6-8-12

4.2 Níveis métrico, rítmico e rimático

Os quatro primeiros versos têm cinco sílabas cada, e o quinto tem doze. O primeiro verso é um pentassílabo trocaico (em vermelho), o segundo é um pentassílabo jâmbico-anapéstico (em azul) e os terceiro e quarto versos são pentassílabos variantes (em verde). O quinto verso é um alexandrino (em rosa). Esse código de cores encontra-se na coluna da direita. O ritmo dos primeiro,

terceiro e quarto versos é predominantemente trocaico. O segundo verso apresenta ritmo jâmbico-anapéstico. O quinto verso tem um ritmo predominantemente jâmbico. O esquema de rimas é *ababb*.

5 Comparando as estrofes em relação aos níveis métrico, rítmico e rimático

Podemos observar que a estrofe traduzida apresenta o mesmo número de versos da estrofe original. Os versos da tradução apresentam o mesmo número de sílabas (ou número aproximado) dos versos da estrofe original. Pessoa também mantém o quinto verso maior que os quatro primeiros, assim como observamos na estrofe original. Quanto ao ritmo dos quatro primeiros versos, o poeta português reproduz o ritmo trocaico da estrofe original presente nos trímetros de Shelley, com exceção do segundo verso da tradução, que apresenta ritmo jâmbico-anapéstico. Em relação ao quinto verso, Pessoa consegue reproduzir o ritmo predominantemente jâmbico presente no verso correspondente da estrofe original. Quanto às rimas, o esquema rimático da tradução é o mesmo do original: *ababb*.

6 Nível semântico

I Hail to thee, blithe Spirit! Bird thou never wert, That from Heaven, or near it, Pourest thy full heart In profuse strains of unpremeditated art.	I Ave, 'sprito! – certo Tu nunca foste ave – Que do céu, ou perto, Teu coração suave Derramas sem pensar, em arte sem entrave.
---	--

LEGENDA:

ACRÉSCIMOS

OMISSÕES

MUDANÇAS

INVERSÕES

DESLOCAMENTOS

6.1 Comparando as estrofes em relação ao nível semântico

Temos a omissão do adjetivo “blithe” (*alegre*²) no primeiro verso do original, e o acréscimo de “certo” no primeiro verso da tradução. Tal acréscimo pode ter sido feito para formar rimas. Encontramos inversão no segundo verso do original “Bird thou never wert” (*Ave tu nunca foste*) em vez de “Thou wert never bird”. Nesse caso, Shelley usa uma sintaxe marcada, enquanto Pessoa traduz pela forma normal: “Tu nunca foste ave”. A escolha de Shelley e a solução de Pessoa podem ter sido fruto da tentativa de formar rimas. Nos quarto e quinto versos, temos mudança de “Pourest thy full heart / In profuse strains of unpremeditated art.” (*Derramas teu coração todo / Em melodias profusas de arte espontânea*) para “Teu coração suave / Derramas sem pensar, em arte sem entrave”. No quarto verso do original, há o deslocamento da ideia de “Pourest” para o quinto verso da tradução “Derramas”. No quinto verso é mantida a ideia de “unpremeditated”, que qualifica “art”, em “sem pensar”, referindo-se a “Derramas”.

Conclusão

Podemos dizer que a tradução pessoana em questão se mantém fiel aos aspectos mais relevantes da estrofe de Shelley e, por isso, podemos considerá-la uma boa tradução. Também podemos dizer que, com a aplicação da metodologia de Britto, é possível avaliarmos traduções poéticas com algum grau de objetividade.

Referências Bibliográficas

ABRAMS *et al.* Poetic forms and literary terminology. In: **The Norton Anthology of English Literature**. New York: Norton, 1974.

BRITTO, Paulo H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.

² Todas as traduções literais que se encontram entre parênteses e em itálico foram feitas por mim.

_____. Augusto de Campos como tradutor. In: Sússekind, Flora; Guimarães, Júlio Castañon (org.). **Sobre Augusto de Campos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa / 7Letras, 2004.

_____. Correspondências estruturais em tradução poética. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo, v.7, p. 53–69, 2006a.

_____. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. X, nº 15, jul-dez, p. 239–254, 2006b.

_____. Correspondência formal e funcional em tradução poética. In: Souza, Marcelo Paiva de *et al.* **Sob o signo de Babel: literatura e poéticas da tradução**. Vitória: PPGL/MEL / Flor&Cultura, 2006c.

_____. Padrão e desvio no pentâmetro jâmbico inglês: um problema para a tradução. In: Guerini, Andréia *et al.* (org.). **Literatura traduzida e literatura nacional**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008a.

_____. A tradução para o português do metro de balada inglês. **Fragmentos**, Florianópolis, v. 34, jan-jun, p. 25-33, 2008b.

_____. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAVALCANTI PROENÇA, M. **Ritmo e poesia**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

CHOCIAY, Rogério. **Teoria do verso**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

FRASER, G.S. Metre, Rhyme and Free Verse. In: **The Critical Idiom**. London: Methuen & Co., Ltd., 1977.

FUSSELL, Paul. **Poetic Meter and Poetic Form**. Revised Edition. New York: McGraw-Hill, 1979.

HOLLANDER, John. **Rhyme's Reason: A Guide to English Verse**. New Haven: Yale University Press, 1989.

MATTOSO, Glauco. **Tratado de versificação**. São Paulo: Editora ANNABLUME, 2010.

SARAIVA, Arnaldo. **Fernando Pessoa: Poeta - Tradutor de Poetas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.